

homem se salvasse. Este indivíduo é para mim uma notícia e nada mais. No táxi tirei seu dinheiro. Aqui está (e coloquei a carteira sobre a mesa). Não o contei, mas vou ficar com ele e o uso que o darei é coisa minha. Nesta crônica o senhor viu como digo que este homem, em um gesto final, entregou uma forte soma para ajudar a causa e aos que lutam pela liberdade. Pois vou converter esse auréola em uma verdade literal. Vocês são testemunhas de que este homem, agora, faz esta doação voluntariamente.

O embaixador estava incomodado. O secretário, surpreendido ante minha audácia. O exilado me olhava com a boca aberta. Mas, o mais surpreendido de todos, era eu mesmo. Não quero de forma alguma me justificar denegrindo a esses revolucionários de salão, mas tampouco posso deixar de mencionar que me produziam já um asco insuportável, e que este asco se estendia a mim mesmo. Dava-me conta de que estava pegando um homem caído, um homem que havia colocado sua vida e sua liberdade em minhas mãos. Meus sentimentos eram sumamente contraditórios. Olhei-o ameaçante e com um tom de voz que jamais havia suspeitado em mim, disse-lhe:

— Bem, que dizes tu?

E ele, começando um pouco torpemente, olhou o embaixador e me disse:

— Compreendo que o inesperado da decisão de teu amigo te tenha alterado. Certamente, desculpo a maneira como tens me tratado. Tu és um ser nobre que estás tratando de ocultar tua nobreza. Dispõe desse dinheiro e me permite dizer-te obrigado por tudo.

Estendeu-me a mão. Eu senti tal repugnância que a duras penas alcancei dar-lhe a minha. Sentia-me sujo por dentro, sujo de coração. E parece que isto falou em mim:

— Digo-te que sou qualquer coisa, menos nobre e desinteressado. Sou tão mentiroso e tão sem-vergonha como tu. Ao menos não sejamos hipócritas.

O embaixador entrevistou neste instante:

— Se não te conhecesse, pedir-te-ia que se retirasse neste instante.

## Capítulo IX

A recordação daqueles dias tão remotos em minha memória, vê-los surgir ante mim nesta situação, nestas condições, sacudiu-me. Sem poder evitar, comecei a chorar como uma criança. Nesse momento, dei-me conta de quanto amava a meu amigo, de quanto ele representava para mim. Afastou-se ao outro cômodo enquanto eu deixava correr meu pranto em um canto. Quando me repus, fui buscá-lo e o encontrei de joelhos, com os braços em cruz, olhando para o firmamento através da janela aberta.

Sem mostrar o menor apuro, ele se pôs de pé e olhando-me, disse-me:

— O pranto é um bom purgante; purifica o sangue.

Dirigiu-se ao banheiro e o vi lavar o rosto com água fria. Ele também havia chorado.

Durante esse inverno a situação do país se agitou intensamente. Estava estreitamente ligada à guerra. Mas, na primavera, os acontecimentos assumiram proporções sangrentas e ocorreram uma série de fatos que determinaram que eu, finalmente, fosse detido pela polícia e levado ao cárcere.

Seria conveniente registrar algumas observações feitas por meu amigo e que têm relação com os fatos dessa época, apesar de que afirmava que nenhuma destas coisas que ocorriam eram novas.

Havia me dado conta, claramente, da crescente força que ia ganhando o suposto ditador deste país; estava fazendo uma comédia para explo-

rar os sentimentos das massas que o seguiam cegamente em virtude de uns quantos benefícios circunstanciais que haviam recebido. Minhas crônicas destacavam este fato, mas meus chefes protestavam e acusavam-me de ser partidário do homem. Houve violências. Queriam uma oposição mais ativa em meus escritos e não pareciam capazes de compreender a necessidade de dizer a verdade e encarar a realidade óbvia que estávamos presenciando. Quando comentei estes fatos com meu amigo, disse-me:

— O único que realmente tem importância em todo este enredo é que a Serpente Emplumada já quer voar, mas tem as patas algemadas à terra.

— Por favor, não me respondas com enigmas.

— Não há enigma algum nisto. Se, em vez de perderes teu tempo em puerilidades, houesses tomado o fio de algumas indicações que te faço de vez em quando, haverias estudado algo transcendental e compreenderias o enorme significado que tem para ti a Serpente Emplumada.

— Tudo isto está muito bom — disse-lhe. — Porém, não explica a razão porque meus chefes são tão obtusos, que não querem ver a realidade da situação deste país.

— É que eles são serpentes sem asas e sem plumas.

— Seguramente, poderias dizer-me as coisas de forma mais clara.

— Não quero dizer-te de forma mais clara. A verdade é sempre amarga para o adormecido, porque lhe tira de sua modorra.

— Faz anos que vens me dizendo o mesmo e ainda não entendo.

— Porque ainda dormes.

À medida que avançou esse inverno, minhas crônicas começaram a atrair a vários personagens de outros países. A situação geral parecia incerta. Outros países recebiam informações contraditórias. Mas um acontecimento sobre o qual informei em detalhes, determinou uma nova forma de relações com políticos e diplomatas que chegavam atrás de informes corretos. O acontecimento foi que o suposto ditador, seguindo o atinado conselho de seu chefe de polícia, prendeu quanto opositor notável houvesse, incluindo médicos, diretores de grandes jornais, advogados de renome internacional, etc., todos os quais dirigiam o movimento de liberdade de

Não o deixei continuar. Tomamos o primeiro táxi que passou e partimos até a embaixada X.

— Tens dinheiro contigo? — perguntei ao diretor.

Tirou sua carteira e disse-me:

— Quanto necessitas?

— Tudo isso — disse-lhe e arranquei a carteira de sua mão.

— Vou ficar sem um centavo.

— Mas com o pelo sem nenhum arranhão e com uma coroa de louros. Paga algo pelo menos. Tu podes obter dinheiro em qualquer parte. Este dinheiro irá a esses rapazes que perderam sua liberdade e talvez até a saúde por tua causa.

— Tu estás a favor do Fulano — disse-me nomeando ao ditador.

— Pensa o que te dê na gana. Já não me importa nada.

Entreguei-o na embaixada. Consultei com os funcionários até que ponto poderia estender-me em meus escritos. Pusemo-nos de acordo e escrevi ali mesmo. Alegrei-me muito quando o embaixador me disse que, conforme o direito internacional, não poderia fazer figurar uma entrevista política com o exilado. Senti-me agradecido por isso, ao menos diminuía o caudal de mentiras que escrevia acerca dele; havia-o pintado como herói, como um homem audaz que logrou burlar os carrascos do ditador.

O embaixador de X, um dos poucos homens sóbrios e sensatos que havia então na diplomacia neste país, sorriu quando lhe mostrei minha crônica.

— Porque não ganhas a vida escrevendo novelas policiais? — disse-me.

Neste instante chegou o moço com café, conhaque, cigarros e sanduíches. Pouco tempo depois chegou o secretário do embaixador com o exilado. Olhou-me com tom de reprovação e me dei conta de que estava inteirado do incidente e do dinheiro. Pediu uma palavra a sós com o embaixador, mas eu me adiantei:

— Senhor embaixador — disse-lhe. — Um amigo a quem quero muito está, possivelmente, agora nas mãos da polícia para que este

depois prosperarem com o sacrifício alheio.

— Maricão! — Gritei cheio de raiva.

— Como disse? — perguntou-me com estranheza.

Tomei-lhe pelo colarinho, empurrei-o contra a parede e, despejando sobre ele todo o ódio contido em minha mente, disse-lhe:

— Disse-te que tu és um maricão. Digo-te agora que tu e toda tua coleção de maricões podem ir à mesma merda com toda sua liberdade de imprensa. Meu amigo nada tem a ver com estas porcarias. E, que eu me arrisque, não tem importância porque estou com vocês unicamente para ver o modo de salvar a mim mesmo. Eu sou tão sem-vergonha e tão hipócrita como vocês. Mas já não me engano. E se agora vou te ajudar é porque o necessito para ajudar a mim mesmo. O que deveria fazer era quebrar-te a cara e entregar-te à polícia para que eles terminem contigo. Preocupa-me meu amigo e não vocês e suas imbecilidades. Vamos imbecil; lá na embaixada te espera café, conhaque, cigarros e uma cômoda cama para que sonhes com toda a glória que vou fabricar-te com a crônica que escreverei sobre isto.

O estranho era que, simultaneamente com a raiva, sentia certa compaixão por este homem. Era um daquela legião de iludidos que, nos primeiros tempos da revolução, haviam considerado impossível que um aventureiro se adonasse do poder. O que mais me irritava é que havia se enclausurado no sonho de que o povo ia defender o que até então era tradicional nesse país e que ninguém havia ousado tocar. Mas, agora, os fatos haviam-no sacudido. E se achava, pouco menos que perdido, sem saber o que fazer, a não ser pedir ajuda a quem quisesse dá-la, como meu amigo.

Quando estávamos no táxi, certifiquei-me de que ninguém nos seguia. De toda forma, para maior segurança, trocamos de táxi várias vezes. Durante estas manobras começou a dar sinais de medo. E quis entabular uma conversa. Disse-lhe bruscamente:

— Cala-te!

— Mas...

pensamento e outra série de liberdades que meu amigo classificava, resumindo-as, em “A liberdade de sonhar acordado”. Sobre os chefes políticos, meu amigo disse que se tratavam de uma coleção de Pilatos, que não podiam ser outra coisa, salvo nos casos, quando na comédia humana trocavam de papel e eram Herodes que, em mais de uma oportunidade, haviam-se visto obrigados a afagar as vaidades de distintos tipos de Salomé e degolar a mais de um honrado Batista.

Os fatos confirmaram, mais que suficientemente, as palavras de meu amigo. Mas a fim de equilibrar a situação citarei sua opinião sobre o ditador e os seus:

— Esses são os que, mais e melhor, dormem — dizia. — Sonham que dominam as massas e não têm a suficiente perspicácia para perceber que gritam “Hosana” com a mesma facilidade com que gritam “Crucifiquem-no”.

Porém, todos conhecem como o final da guerra confirmou tudo isto.

O fato foi que os líderes democráticos esperaram pacientemente no cárcere que as massas saíssem a resgatá-los, mas ninguém moveu um dedo a seu favor. Ao contrário; todos aplaudiram o ditador, cheios de euforia por haver-se atrevido a tocar nos intocáveis. Este acontecimento transtornou a compreensão política e diplomática de todos.

Era óbvio que este ditador, como quase todos, conhecia intuitivamente as paixões das massas e as explorava bem. A oposição caiu destruída. Mas, ainda assim, poucos se deram conta da verdade. Houve muitos editoriais, muitos protestos, porém foi burla e nada mais que burla.

Minhas crônicas, que até certo ponto refletiam as opiniões de meu amigo, começaram a chamar a atenção e atraíram aos homens que já indiquei. Um dia chegou um e informei-lhe de tudo em detalhes. Este enviado confidencial, entretanto, enviou a seu governo um informe de várias páginas para concluir dizendo que era conveniente postergar uma decisão, que tudo ainda era incerto. Quando regressou dois meses depois, voltou a informar aos seus que ainda havia necessidade de postergar qualquer decisão.

Isto me irritou.

— Por que tu enganas o teu governo? — disse-lhe.

O homem, sem se sentir incomodado ou ofendido, olhou-me compassivo e me disse:

— Eu também vejo a situação como tu a vês. Mas ocorre que nós também estamos em vésperas de eleições e ainda não se aclarou nossa situação e não sei qual postura vou adotar. Fulano de tal — e citou o nome de um governante — não tem nenhuma simpatia por Sicrano — o nome do ditador — e tem, em troca, muitas possibilidades de ser o próximo presidente do meu país. Como ele ocupa uma situação de destaque, envio-lhe uma cópia do informe a fim de que, como suposto governante, esteja informado dos fatos. Um informe conclusivo, como são suas crônicas, serviria unicamente para que ele esquecesse meus serviços. Em troca, com vários informes, preparo a possibilidade que me nomeiem à embaixada neste país. Tu, amigo, serias um péssimo diplomata.

Este foi um caso. Houve outros. O diretamente oposto ao anterior foi o do enviado de um país cuja situação era similar à que eu observava. Apressou-se em fazer contato com os homens do ditador, não ocultou suas simpatias por ele e ofereceu comprar-me todo o material que eu havia acumulado. Chupou como esponja tudo o quanto lhe disse. E em base a isso emitiu um informe, do qual me proporcionou uma cópia, cheio das mais fantásticas afirmações que já tinha lido em toda minha carreira. Eu mesmo havia mentido descaradamente para agradar a “meus leitores”. Mas o informe deste diplomata ia além de toda fantasia e realidade juntas. Parecia um conto das Mil e Uma Noites.

Em seguida, fez-me uma série de propostas de índole comercial. Não era a primeira vez que me encontrava com pessoas que ocultavam os fatos para especular com eles.

— Tu pensas que alguém de seu governo acreditará nisso? — disse-lhe.

— Não te preocupes com isso, amigo — respondeu. Era um homem simpático e agradável, sem-vergonha até a saciedade; mas não podia

também o viu e disse:

— Não se atrevem a agir sozinhos. Estão pedindo ajuda. Agora utilizaremos um truque muito antigo.

Dizendo isto, pôs-se em pé e partiu para o banheiro. Nós o seguimos. Em um W.C. trocou de roupa com o diretor. Ambos eram mais ou menos da mesma altura. Fizemos depois uma saída deliberadamente suspeita, um por um, enquanto os agentes da polícia nos olhavam. Reunimo-nos os três na esquina e vimos os dois agentes aproximarem-se de nós com péssimo fingimento. Quando estavam relativamente perto, meu amigo iniciou uma comédia de forma tão natural, que quase caí de costas. Fez uma despedida aparatosa, convidando-nos para o dia seguinte em tal lugar e a tal hora.

Eu estava perplexo. Meu amigo havia imitado com perfeição a voz e a entonação do diretor do diário. Até caminhou da mesma maneira. Aproximou-se da calçada, chamou um táxi e partiu. Em poucos minutos vimos como os agentes partiram atrás dele.

O diretor do diário e eu estávamos assombrados. Ele disse:

— Foi muito nobre o gesto de teu amigo. Quem é?

Eu não respondi. Ao ver a polícia partir atrás dele, invadiu-me um estranho temor. Estava muito bem informado acerca dos métodos da polícia para ignorar a sorte que lhe esperava se lograssem apanhá-lo. Comecei também a sentir uma ira abrumadora contra esse jornalista, que estava agora a salvo e livre do perigo de ser torturado pela polícia. Em troca, meu amigo, não só o maltratariam, confundindo-o inicialmente com o diretor, senão que terminariam dando-se conta da verdade dos fatos no dia seguinte, quando a embaixada X notificasse o governo acerca do diretor que havia sido asilado. Enquanto pensava todas estas coisas, este homem que estava comigo falava do modo mais insuportável. Eu não prestava atenção. Mas logrei agarrar uma frase com a qual terminou um discurso:

— A luta pela liberdade de imprensa, certamente, é amarga.

Esta frase caiu sobre mim de tal forma que não pude menos que sentir um desprezo indescritível por todos os conspiradores deste tipo, homens que sempre utilizam os sentimentos alheios para saírem livres e

descoberta começou certa noite em que alguns políticos, com os quais eu estava em estreito contato na conspiração, chamaram-me com grave urgência. Marcamos um encontro longe do centro da cidade. Quando eu saía de minha casa, agitado ante o tom de urgência com que haviam me chamado, encontrei meu amigo:

— Ocorre algo grave. Fulano está me chamando. Acompanha-me — disse-lhe.

O problema era que um dos conspiradores, diretor de um jornal de oposição e que tinha, nesta época, uma circulação bastante notável, havia recebido uma advertência confidencial. Nessa mesma noite iriam detê-lo e encarcerá-lo. Ele não duvidou da veracidade do aviso. Tinha sido avisado por um policial que iria tomar parte ativa no assunto. Este policial devia certos favores de consideração ao diretor e, além disso, estava sendo pago pelo grupo conspirador. O problema era ajudar o diretor a fugir e pensávamos que sua fuga poderia ser utilizada com fins de propaganda. O urgente era, no entanto, fazer-lhe desaparecer antes que a polícia o capturasse. Discutíamos vários planos quando meu amigo entreviu.

— Pode apelar para o direito de asilo — disse.

Foi uma indicação valiosa. Eu corri ao telefone e chamei a um amigo diplomata. Estava a ponto de dizer-lhe nosso propósito quando meu amigo me tapou a boca com a mão e advertiu-me:

— Diga-lhe que vá imediatamente a sua embaixada e que deixe a porta aberta porque chegarás de automóvel.

Assim o disse. Este diplomata era um dos que haviam se beneficiado com meus negócios, de modo que cedeu facilmente.

Sáimos da reunião, o diretor, meu amigo e eu. Tomamos um táxi e quando estávamos a ponto de dar a direção da embaixada, meu amigo deu uma direção completamente oposta. Viajamos durante meia hora em silêncio. Detivemo-nos em uma pastelaria noturna. Só quando estávamos sentados em uma mesa, dei-me conta do porquê das precauções de meu amigo. A polícia havia nos seguido. Eram dois agentes que não podiam dissimular sua condição. Vi como um deles telefonava. Meu amigo

condená-lo. Ambos estávamos presos em uma máquina.

Meu assombro foi grande quando me dei conta que seu governo havia aceitado seu informe e estava atuando em base a ele. Não pude nunca me explicar como os homens que parecem ser hábeis nos assuntos de estado podem ter a facilidade de crer em qualquer coisa, como qualquer ingênuo.

Este enviado confidencial, antes de regressar a sua pátria, apresentou-me uma carteira finíssima cheia de notas e quando debilmente quis recusá-la, disse-me:

— De modo algum, querido amigo. Tu tens me ajudado em um magnífico negócio.

Mais tarde soube que o negócio era um forte contrabando de matérias primas muito escassas para a indústria devido à guerra.

Relatei todos esses fatos a meu amigo.

— Esse é o ardil mais velho do mundo — disse. — Eles não têm culpa. São irresponsáveis. Porém, preocupa-te em não seguir prejudicando a Serpente Emplumada. Recorda que não podes servir a dois senhores.

Novamente, voltei a ignorar seu prudente conselho. Os acontecimentos tomavam velocidade. A polícia me vigiava cada vez mais estreitamente, e, com esperança de salvar-me de alguma forma, comecei a participar em muitas conspirações contra o ditador.

## Capítulo X

**N**os meados da primavera, com o bom tempo, desatou-se uma onda de violência por todas as partes, em todo o país. Os estudantes começaram a alvoroçarem-se instigados pelos próceres democráticos que a polícia havia humilhado. Estes lançavam, um atrás de outro, manifestos escritos comodamente em um clube elegante. Um dia tive de entrevistar-me com eles, por causa de certos acontecimentos nos quais vários estudantes acabaram presos e feridos. Informei-lhes dos fatos.

— Que barbaridade! — exclamaram. — Onde nos conduzirá este homem?

— Vocês sabem perfeitamente bem — disse-lhes. — Devem agir agora.

— Mas, o que podemos fazer?

— Se vocês têm medo de ir às ruas enfrentarem-se com soldados e policiais, ao menos, não incitem mais a esses rapazes.

— É que neles, o amor à pátria arde no sangue — disse um banqueiro.

— Vão à merda, maricões! — exclamei, com toda fúria que me consumia nesses dias. Fui para casa e meu amigo me esperava. Contei-lhe o incidente.

— A Serpente Emplumada quer voar — foi toda sua resposta.

Eu não estava com ânimo para essas coisas, dei-lhe as costas e fui para meu quarto. Quando me tranquilizei, encontrei-o repassando o cader-

no em que eu anotava seus comentários e observações. Estava corrigindo algumas coisas.

— És um bom jornalista e tens boa memória — disse-me. — Come-testes poucos erros.

De cada coisa notável de meu amigo, não só havia anotado suas palavras, senão que descrevera a cena com luxo de detalhes, nomes, lugares, datas, etc. Pediu-me que destruísse toda referência pessoal, tudo o que fosse um lugar, uma fachada, um nome. Deixei somente os fatos que podiam retratar-lhe e dessas notas, saiu este relato.

Muitos dos espões e agentes secretos, com os quais eu havia tido contato, tinham fugido a tempo. Os inimigos destes agentes, a serviço de outro país, começaram também a vigiar-me mais estreitamente. Já não cabia dúvida que meu jogo estava descoberto. Um dia soube que alguns espões que me conheciam estavam presos. Como de costume, confiei tudo a meu amigo e ele me disse:

— Os que estão presos te delatarão; os que fugiram, falaram de ti em outros países. E estes estão te usando.

— Que fazer? — disse-lhe.

— Recupera tua hombridade. Ou entrega-te arbitrariamente e conta toda a verdade ou segue até o fim e venha o que venha.

— Seguirei até o fim — disse-lhe com esperança de que ocorresse algo a meu favor.

Começava a sentir certa repugnância até de mim mesmo e confiei isto a meu amigo.

— É natural — disse. — O sonho se converte em pesadelo porque já se dissipa o efeito das drogas psíquicas que tens tomado durante todo este tempo. Mas não te desespere. Algum dia tu descobrirás o enorme segredo da confissão e seu valor e então saberás que a Serpente Emplumada pode voar.

Foi nesses dias quando descobri que meu amigo era um ator consumado, que podia mudar sua aparência quase à vontade e que podia transformar-se em quem quisesse. O incidente que me permitiu esta nova